

PMDB apóia Simon com outros interesses

Da Redação

Com agências Folha e JB

No próximo dia 15, em Joinville (SC), o senador Pedro Simon (PMDB-RS) lançará sua candidatura à Presidência da República. Na cúpula do partido, a pretensão do senador é vista como inviável, porém útil. Para os líderes do PMDB, essa é uma maneira de o partido ocupar espaço na mídia. Ganha, assim, maior poder no embate com o PSDB e o PFL, os outros dois grandes partidos da base governista, numa disputa que tem como verdadeiro motivo os arranjos para a sucessão presidencial de 2002.

Ao prestigiar Simon, o PMDB pretende também evitar que ele comande uma dissidência na bancada de senadores do partido contra a candidatura de seu colega Jader Barbalho a presidente do Senado. A disputa no Senado e na Câmara será o primeiro teste para saber se a aliança governista sobreviverá até 2002.

Simon ensaiou discurso cobrando moralidade no Senado. Isso, na visão do PMDB, enfraqueceria Jader, ferido por uma reportagem da revista *Veja* sobre o expressivo e inexplicado aumento de patrimônio. E o gesto de Simon ajudaria Antonio Carlos Magalhães, presidente do Senado e principal opositor da candidatura Jader, presidente do PMDB. Os caciques peemedebistas se recusam a entregar a cabeça de Jader.

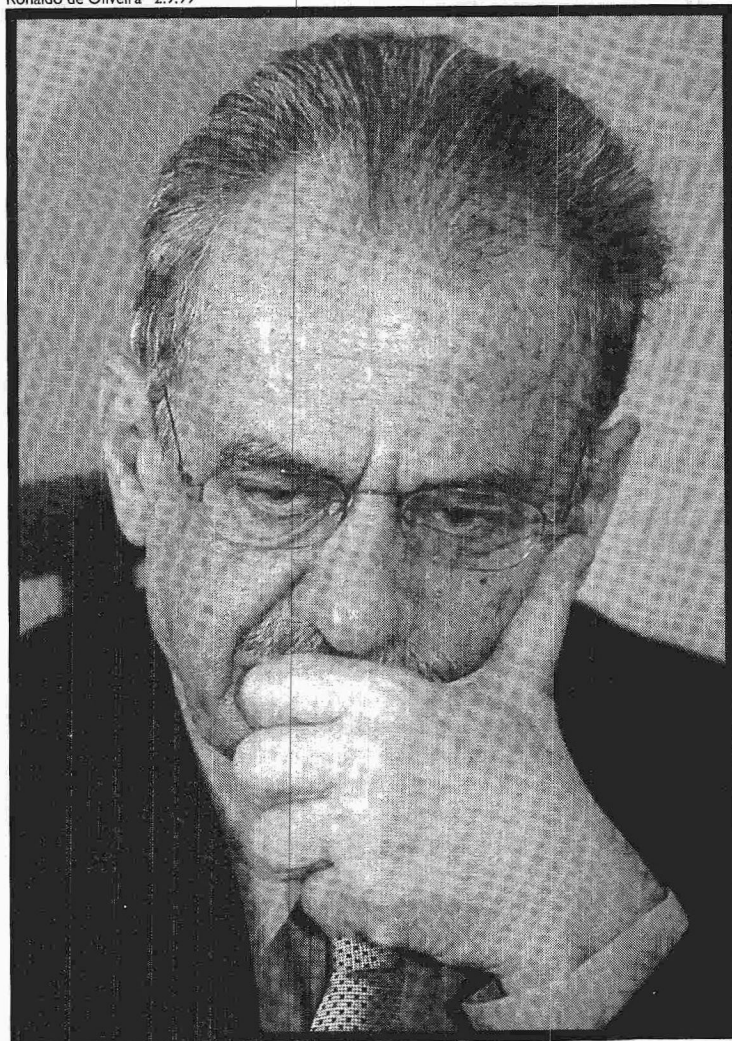
Para o grupo que comanda hoje o PMDB no país, o PSDB é o único partido da base governista que tem possíveis candidatos viáveis à Presidência. Ao dar corda a Simon, o PMDB procura se equiparar ao PFL, outro partido governista que hoje não possui um nome com condição de ser cabeça-de-chapa de uma eventual aliança governista em 2002, mas que vive soltando balões de ensaio para o Planalto.

A tática peemedebista agrada ao ministro José Serra, um tucano que vem tentando amarrar o apoio do PMDB a seu projeto presidencial. Serra é hoje o tucano mais próximo do PMDB, mas a cúpula do partido já deixou claro que pretende decidir seu futuro com FHC. Ou seja, avaliam que o presidente, fortalecido pela esperada melhora da economia, será o fiador de uma nova aliança.

Assim, se o PSDB, com a bênção de FHC, optar pelo governador cearense, Tasso Jereissati, ou por um outro tucano, o destino do PMDB será marchar a reboque do presidente. Nem mesmo uma eventual deterioração da economia, com enfraquecimento político de FHC, faria de Simon o preferido do PMDB. O partido poderia embarcar na canoa de Ciro Gomes (PPS).

A única chance de Simon seria um entendimento dos partidos governistas para que todos lancem candidatos. Diante da fraqueza de todos os partidos, esse

Ronaldo de Oliveira 2.9.99



SIMON QUER SER CANDIDATO À SUCESSÃO DE FHC: "NÃO SE VIVE DE HISTÓRIA"

seria um expediente para levar a decisão ao segundo turno.

Simon não ignora os acordos oportunistas à sua candidatura. Ele sabe que muitos dos líderes de seu partido só o apóiam de forma pragmática e estão prontos a aderir à candidatura de outro partido. É também de forma pragmática que ele aproveita es-

se apoio, usando-o para impulsionar a candidatura até o ponto de torná-la irreversível.

"O PMDB vem na contramão desde a morte de Tancredo Neves. Estamos vivendo de história, e não se vive de história. Está na hora de resgatar o passado e dar continuidade a esse passado no futuro", aposta.